



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - OSMAR DE AQUINO
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

ELANE MARTINS DE ARAÚJO

O EROTISMO NA POESIA DE VINÍCIUS DE MORAES

**GUARABIRA – PB
2013**

ELANE MARTINS DE ARAÚJO

O EROTISMO NA POESIA DE VINICIUS DE MORAES

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Letras da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento à exigência
para obtenção do grau de Licenciado em
Letras.

Orientadora: Prof^ª Dr^a Sueli Meira
Liebig

GUARABIRA – PB

2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

A658a Araújo, Elane Martins de

O erotismo na poesia de Vinícius de Moraes / Elane Martins
de Araújo. – Guarabira: UEPB, 2013.

64 f.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)
Universidade Estadual da Paraíba.

"Orientação Prof^ª. Dr^ª. Sueli Meira Liebig."

1. Poesia Brasileira 2. Erotismo 3. Vinícius de Moraes. I.
Título.

22.ed. CDD B869.1

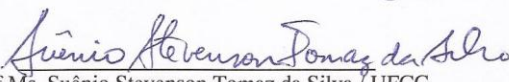
ELANE MARTINS DE ARAÚJO

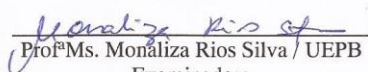
O EROTISMO NA POESIA DE VINICIUS DE MORAES

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Letras da Universidade Estadual da
Paraíba, Campus III, em cumprimento à
exigência para obtenção do grau de
Licenciado em Letras.

Aprovada em 12/11/2013.


Prof.^a Dr.^a Sueli Meira Liebzig / UEPB
Orientadora


Prof. Ms. Suênio Stevenson Tomaz da Silva / UFCG
Examinador


Prof.^a Ms. Monaliza Rios Silva / UEPB
Examinadora

RESUMO

Objetiva-se realizar nesse trabalho uma reflexão sobre a inter-relação entre poesia e erotismo a partir da produção poética de Vinicius de Moraes, além de apresentar aspectos relevantes da vida e obra deste poeta e músico modernista, como também um esclarecimento sobre o que é o erotismo. O trabalho é desenvolvido a partir de uma fundamentação teórica correspondente ao seu enfoque temático e faz basicamente uma síntese da história do erotismo nas civilizações e algumas definições através da obra *Dupla chama: amor e erotismo* de Octavio Paz (1994). Ainda de Bataille (1987) e Foucault (2005) são mencionados os principais fundamentos. São revistos os princípios de prazer e de realidade estipulados por Freud (1969). Apresentamos ainda uma análise dos poemas *O gosto de um Amor*, *A volta da Mulher Morena* e *A uma Mulher* (Moraes, 2003), sob a perspectiva do erotismo.

PALAVRAS-CHAVE: Erotismo; Poesia; Vinicius de Moraes

ABSTRACT

This work aims at a reflection about the inter-relationship between poetry and eroticism in Vinicius de Moraes' poems, taking as parameters some relevant aspects of the modernist poet and musician's life and work, as well as issues a discussion on the term eroticism itself. The study is developed up from the theoretical support found about the matter, focusing basically on a synthesis of the history of eroticism along civilizations and in some approaches presented in *Duplachama: amor e erotismo* by Octavio Paz (1994). Bataille's (1987) and Foucault's (2005) main theories are also mentioned. The principle of pleasure and reality by Freud (1969) is equally reviewed. The corpus analyzed limits to three poems: *O gosto de um Amor*, *A volta da Mulher Morena* e *A uma mulher* (MORAES, 2003), all of them under the perspective of eroticism.

KEY-WORDS: Eroticism; Poetry; Vinicius de Moraes

1. INTRODUÇÃO

Ao longo da sua vida o ser humano relaciona felicidade ao prazer, perpassando pelo erotismo, que por um período da história teve que ser sufocado porameaçar uma ordem opressora que sacrificava a maioria das pessoas. Suas possibilidades de satisfação existencial estariam, a princípio, em desacordo com todas as instituições do mundo, sendo ainfelicidade o inevitável tributo pago pelos indivíduos para a construção de um suposto progresso da humanidade. Em razão da íntima vinculação entre felicidade e liberdade, o tabu do prazer foi um dos aspectos mantidos sempre com maior apego pela civilização e por ela sempre obscurecido.

A poesia de Vinicius de Moraes procura ultrapassar os limites do que acorrentamos prazer, colocando o erotismo, o desejo e a paixão como movedores de oposição à arrogância racional do poder. Parte de sua obra procura invadir espaços considerados proibidos e mantidos com extremo esmero pela sociedade dominante, visto que esses espaços condizem com o autoritarismo produtivo e ganancioso do “progresso” capitalista. A luta pela realização das necessidades prazerosas e não repressivas tem em Vinicius de Moraes expressivo destaque, atribuindo à dimensão erótica do homem uma prevalência sobre a realidade totalizante e equivocada a que estamos sujeitos.

Objetiva-se realizar neste trabalho uma reflexão sobre a inter-relação entre poesia e erotismo, a partir da produção poética de Vinicius de Moraes, aspectos relevantes da vida e obra deste poeta e músico modernista, como também apresentar um esclarecimento sobre o que é o erotismo.

O trabalho é desenvolvido a partir de uma fundamentação teórica correspondente ao seu enfoque temático e faz basicamente uma síntese da história do erotismo nas civilizações e algumas definições através daobra *dupla chama: amor e erotismo* de Octavio Paz(1994). Ainda de Bataille (1987) eFoucault(2005) são mencionados os principais fundamentos. Ainda, revistos os princípios de prazer e de realidade estipulados por Freud (1969).

Apresentamos ainda uma análise dos poemas *O gosto de um Amor*, *A volta da mulher Morena* e *A uma Mulher* (MORAES,2003), sob a perspectiva do erotismo.

Assim, a beleza do amor e o erotismo que permeiam o ser humano são ditos pela única voz que consegue expressar o mais íntimo de uma mulher e de um homem, a voz poética.

2 ALGUMAS CONCEPÇÕES SOBRE O EROTISMO

2.1 O Erotismo: um olhar sobre o discurso.

A palavra Erotismo provém do latim '*Eroticus*' e este do grego '*Erotikos*' que se deriva de *Eros*, o deus do amor e *Cupido* entre os romanos. Refere ao amor sensual e a poesia do amor, ou seja, nada mais é do que a essência do ser, do belo de todas as produções humanas. Mais tarde, porém, transformado pela psicanálise em símbolo da vida e do desejo, cujo princípio de ação é a libido.

Reafirmando essa definição, Paz nos assegura que:

[...] Antes de tudo, o erotismo é exclusivamente humano: é sexualidade socializada e transfigurada pela imaginação e vontade dos homens. A primeira coisa que caracteriza o erotismo da sexualidade é a infinita variedade de formas em que se manifesta, em todas as épocas e em todas as terras. (PAZ, 1994, p.16):

A humanidade é fator predominante no campo do erotismo. Em todas as civilizações ele é perceptível seja nas curvas e linhas da arquitetura, na literatura, na escultura, na poesia, etc.; Estes são alguns exemplos do espírito erótico que envolve algumas atividades humanas bem sucedidas; a saber:

A civilização humana, expressão pela qual quero significar tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal e difere da vida dos animais [...] Por um lado, inclui todo o conhecimento e capacidade que o homem adquiriu com o fim de controlar as forças da natureza e extrair a riqueza desta para a satisfação das necessidades humanas; por outro, inclui todos os regulamentos necessários para ajustar as relações dos homens uns com os outros. (FREUD, 1998, p.4)

A gênese do erotismo está ligada à constituição dos traços definidores da humanidade, que se desvencilha da animalidade ao transformar a sexualidade em erotismo. Através do trabalho, da compreensão, consciência de morte, e da passagem da sexualidade livre à sexualidade envergonhada, é que nasce o erotismo.

Assim, enquanto elemento que confere ao Homem sua especificidade em relação ao animal, o erotismo não deve ser visto como uma coisa, um objeto ou um fato concreto.

Sendo assim, como diz Bataille:

[...] o erotismo difere da sexualidade dos animais no ponto em que a sexualidade humana é limitada pelos interditos, cuja transgressão pertence ao campo do erotismo. O desejo do erotismo é o desejo que triunfa o interdito. (BATAILLE, 1987 p.238).

Sendo assim, conjunto de normas, limites ou imposições, que varia de época para época, de lugar para lugar ou dereligião para religião e a imposição das elites, paradoxalmente, não suprime o erótico, mas torna-se, ao contrário, a força necessária para a afirmação da sua existência, fazendo da transgressão a condição fundamental da experiência erótica. A condição para a realização da viagem que desloca o sujeito ao término do possível não é outra senão o desvio das normas em que está sedimentado o real, transgredindo, rompendo o cerco dos limites impostos pelos interditos culturais.

Onde há proibições sempre há transgressões que tornam possível a experiência interior, capaz de proporcionar a percepção de um novo tipo de conhecimento. Dessa forma, visto como experiência que implica na reversão dos limites instituídos pela realidade e seus interditos epistêmicos, o erotismo pode ser compreendido em sua natureza essencialmente transgressora. Nas sociedades, de modo geral, independentemente do tempo e do espaço, o interdito está na gênese da conduta erótica, cuja transgressão é possível porque existem as proibições.

Por isso, acreditamos que no erotismo nenhum elemento é exclusivo. Sem o rompimento do preconceito e das proibições que ainda se perpetuam nos dias atuais não será possível a experiência do erotismo - essa viagem múltipla, não uniforme, que coloca o homem na interseção dos seus contrários, descortinando-lhe a possibilidade de um novo saber - o conhecimento erótico - cuja especificidade torna-se importante considerar.

O erotismo atualmente é de difícil abordagem por razões que não são apenas convencionais. O conceito de erotismo e sua representação encontram-se interligados a tudo o que a sociedade vê como erótico, recebe-o e assim o rotula. Como estamos vivendo na era da imagem visual, as diversas representações aceitas como eróticas vêm-

se caracterizando, em sua maioria, na visualização da nudez e das cenas sexuais. O erotismo vai muito além dessas representações e rótulos.

É preciso dirimir a controvérsia em torno da representação cultural do erotismo. Ele não está a serviço da reprodução humana como a sexualidade, uma de suas funções, é expandiremoções mais intensas, desejos, prazer, às vezes, apresentado sob a forma de linguagem (de discurso).

Com a liberdade proveniente das mudanças no mundo desde a I Revolução industrial, que teve seu ápice no século XX na década de 1960, que vai além dos movimentos sociais principalmente nos Estados Unidos, expandindo-se por todo o mundo, embora benéfica, a liberação de certos preconceitos que impediam modernização de vida sexual não abriu o caminho para a percepção do sentido mais profundo que subjaz no erotismo. Paradoxalmente, na maioria dos casos, quanto mais as representações são explícitas, menos se alcança a semântica da experiência erótica.

O ser humano, em pleno século XXI, diante de tanta informação nos meios de comunicação como televisão, rádio e internet, ainda confunde erotismo, sexo e pornografia. O erotismo atualmente é de difícil abordagem por razões que não são apenas convencionais.

Esses equívocos decorrem, talvez, da própria sutileza do fato erótico. Ou de sua complexidade. A busca alucinada em direção ao erótico pode transformar-se na impossibilidade de encontrá-lo. Talvez não seja preciso buscar; ele está em nós e nos outros, invisível e tão sutil quanto tentador.

Podemos, então, alargar o sentido do erotismo retirando, primeiramente a associação do pensamento como algo profano ligado ao pecado. Podemos também percebê-lo misticamente, como uma das formas de emanção energética do ser. Pode estar em tudo e em todos, mas não se deixa tão facilmente desvendar. Por isso, o erotismo pode gerar obsessões ou desejos fixos cuja realização se torna possível.

2.2 A fantasia, a imaginação e o erotismo.

Atualmente, nem a filosofia nem a psicologia conseguem ver diferenças radicais entre a imaginação e a fantasia. Usar os dois termos como sinônimos já não é pecado mortal. Segundo RODARI (2004) devemos a Hegel a distinção definitiva entre

imaginação e fantasia. Para ele, ambas são determinações da inteligência: mas a inteligência como imaginação é simplesmente reprodutiva; em contrapartida, como fantasia é criadora. Assim, claramente separados e hierarquizados, os dois termos serviram para sancionar uma diferença análoga à racial, quase fisiológica, entre o poeta (o artista), capaz de fantasia criadora, e o homem comum, o vil mecânico, só capaz de imaginação, que lhe serve para objetivos meramente práticos.

A fantasia tem a capacidade de subverter o *status quo*, podendo direcionar a realidade para mudanças radicais e ganha forma, através de um universo de percepção e compreensão. A função cognitiva da fantasia induz-nos à estética como “ciência da beleza”. Na forma estética da arte, seja poesia ou escultura, às vezes está subentendida a harmonia reprimida do sensualismo e da razão.

A imaginação, criando e manipulando símbolos, prevê possibilidades para além das percepções sensoriais imediatas; são contempladas alternativas para o mundo real de pessoas e lugares, amarrados a qualquer evento temporal. A imaginação em oposição à fantasia no campo do erotismo, fica mais à vontade no princípio de realidade.

Diante dos esclarecimentos acima sobre a *imaginação* e a *fantasia* o erotismo identifica-se mais com a *imaginação*. Octavio Paz assim afirma:

A imaginação é o agente que move o ato erótico e o poético. É a potência que transfigura o sexo em cerimônia e rito e a linguagem em ritmo e metáfora. A imagem poética é abraço de realidade opostas e a rima é cópula de sons. (PAZ, 1994, p.12)

O ser humano está profundamente ligado à imaginação erótica, que se concretiza na realidade de diversas formas: na poesia, através da literatura, na escultura, nas canções entre outras. Através desta imaginação erótica a sensualidade gera princípios universalmente válidos para a ordem objetiva. Mesmo sendo sensual, e, portanto receptiva, a imaginação é criadora: numa livre síntese da sua própria criação, ela constitui a beleza sexual.

Marcuse (1968), filósofo alemão, é um dos mais importantes estudiosos de Freud. Procura mostrar o potencial liberador da obra freudiana e sugere a possibilidade de que a imaginação se relacione não apenas com o passado, mas com o presente e o próprio futuro, um futuro ainda não conquistado pela humanidade, ao invés de um passado pessimamente vivido:

O valor de verdade da imaginação relaciona-se não só com o passado, mas também com o futuro; as formas de liberdade e felicidade que invoca pretendem emancipar a *realidade* histórica. Na sua recusa em aceitar como finais as limitações impostas à liberdade e à felicidade pelo princípio de realidade, na sua recusa em esquecer o que *pode ser*, reside a função crítica da fantasia.(MARCUSE, 1968, p138.)

Na *imaginação*, Marcuse concebe a reconciliação do indivíduo com o todo, do desejo com a realidade, da felicidade com a razão. Mesmo que o princípio de realidade estabelecido torne utópica essa harmonia, o filósofo insiste em que deve e pode tornar-se real, pois o conhecimento estaria implícito na razão. Ela seria essa primeira possibilidade de transformação na realidade erótica porque é possível o ser atuante.

2.3 Erotismo versus Prazer

Em razão da íntima vinculação entre felicidade e liberdade, foi o tabu do prazer um dos aspectos mantidos sempre com maior apego pela civilização, e por ela sempre obscurecido. O erotismo foi modificado a uma atividade exclusivamente de excitação libidinal: nele o prazer não é buscado unicamente para um sentido se satisfação imediato, físico e reprodutivo. “Nos rituais eróticos o prazer é um fim em si mesmo ou tem finalidades diferentes da reprodução” (PAZ, 1994, p.12).

Realisticamente, porém, essa incompatibilidade entre a efetivação do prazer e o processo civilizatório predomina em nossa sociedade. Essa constatação e sua consequente análise foram notadamente averiguadas e desenvolvidas por Freud. A possibilidade de uma ordem social em que as relações humanas sejam em grande parte moldadas pela libertação e satisfação libidinais, seria, para as concepções do psicanalista, improvável. Segundo elas, são requeridas a repressão e a renúncia das satisfações prazerosas para a efetivação do progresso da civilização. De acordo com Freud(1998), relacionados a essa interdependência, estão os dois princípios basilares que regem o aparelho mental do homem: o *princípio de prazer* e o *princípio de realidade*. O erotismo, aqui concebido como insígnia da vida e do desejo, tem como princípio de ação a energia libidinal. Segundo Paz (1994), as imagens formadas durante o ato sexual são imaginações da mente da pessoa, que está se é que pode dizer assim, no transe do prazer. Esse prazer não está relacionado apenas ao ato sexual.

Segundo Guacira Lopes, “O erotismo pode ser traduzido no prazer e na energia dirigidos a múltiplas dimensões da existência” (LOURO, 2005, p.51). Esta posição abre a possibilidade de se viver um prazer da intensidade e não um prazer do adormecimento, um prazer que não busca anular a dor, mas que permite coexistir com ela; um prazer do qual podemos dizer que pertence ao campo da intensidade e, somente assim, ao campo do erotismo.

2.4 Sexo e Erotismo

Na Grécia a verdade e o sexo se ligavam, na forma pedagógica, pela transmissão corpo-a-corpo de um saber precioso; o sexo servia como suporte às iniciações do conhecimento. (FOUCAULT, 2003a). Mas nos últimos séculos os discursos têm mudado. Vejamos o que diz Michel Foucault:

[...] Em vez da preocupação uniforme em esconder o sexo, em lugar do recato geral da linguagem, a características de nossos três últimos séculos é a variedade, a larga dispersão dos aparelhos inventados para dele falar, para fazê-lo falar, para obter que fale de si mesmo, para escutar, registrar, transcrever e redistribuir o que dele se diz. (FOUCAULT, 2003a, p.35).

A resistência em torno da discussão do sexo enfrentou grande repressão ao longo da história do homem, principalmente pela camada elitista da sociedade, que considerava o fato de falar de certas intimidades como a cópula imoral, o que era reforçado por algumas religiões. Porém, a censura não teve força suficiente para resistir às constantes mutações provenientes do novo cenário da Revolução Industrial.

O erotismo envolve o sexo, mas o sexo pode não envolver o erotismo. Embora tanto o erótico quanto o pornográfico, refiram-se à sexualidade humana. “O erotismo é sexo em ação, mas, seja por desviá-la ou por negá-la, suspende a finalidade da função sexual.”(PAZ, 1994,p.12).

2.5 Erotismo e Pornografia

A compreensão e análise da pornografia e do erotismo estão repletas de valores, ideias e normas de condutas num grupo social em determinado momento histórico. A pornografia pode ser considerada variável porque se restringe a determinado tempo e local, delimitado também a questão de religiões, costumes etc. Devido à repressão da igreja na idade média o erotismo, às vezes, confundem com pornografia e são coisas distintas que precisam ser elucidadas.

No início do século XIX, na Inglaterra, era considerado pornográfico tudo aquilo em que estivesse embutido um caráter moralizante, com o intuito de corromper a moral dos jovens, tudo o que fosse chocante e corruptor. Já na América eram consideradas pornográficas, cenas que exibissem pessoas ou animais mantendo relações sexuais, ou seja, a pornografia era um conceito ligado ao escarcéu selvagem.

Reconhecendo a dificuldade para o esboço de fronteiras, não vamos instituir a representação pornográfica como antítese da erótica.

O que temos a constatar é que há, por vezes, a sobreposição, porque em se tratando de cultura não há fatos estanques, há possibilidades que se interligam. Entretanto, se, por um lado, não podemos relegar a possibilidade de interseção entre a representação erótica e a pornográfica, por outro, veremos a impossibilidade da redução. O erotismo não pode ser reduzido ao obsceno, porque nele não se esgota: o que perfaz o erotismo é sua dimensão intrinsecamente humana. Em sua tese de doutoramento intitulada “Configurações imaginárias acerca do erotismo” de Daniel de Oliveira Gomes (2003) observa que Alexandrian

Considera que o erotismo é tudo o que torna a carne desejável, tudo o que mostra o seu brilho em seu desabrochar, tudo o que desperta uma impressão de saúde, beleza, de jogo deleitável; enquanto à obscenidade rebaixa a carne, associa a ela à sujeira, às doenças, às brincadeiras escatológicas e às palavras imundas. (ALEXANDRIAN, 1983, p.54)

De fato, a pornografia se nutre em larga medida do consumo de fragmentos de cenas e imagens sexuais. Isso fica nítido na atitude bastante comum do consumidor que somente se interessa pelas partes de um filme ou vídeo em que há um ápice de estímulo

sexual. É exatamente por conta dessa forma de apropriação imediata e fragmentada por parte do consumidor que devemos buscar uma definição que diferencie o erotismo da pornografia, através do modo como uma representação oferece uma determinada satisfação a quem a percebe.

2.6 Amor e Erotismo

Se o erotismo é da essência humana, então está interligado à atividade sexual sem pornografia. Porque o Eros ultrapassa a necessidade física, consistindo numa manifestação de desejos como um todo que se concretiza no amor.

(...) O amor é atração por uma única pessoa: por um corpo e uma alma. O amor é escolha; o erotismo, aceitação. Sem erotismo—sem forma visível que entra pelos sentidos—não há amor, mas este atravessa o corpo desejado e procura a alma no corpo e, na alma, o corpo. (PAZ, 1994, p.34)

As confusões ao longo da história pregadas muitas vezes pelas religiões de que sexo, erotismo e amor são aspectos do mesmo fenômeno estão aos poucos sendo esclarecidas. Apesar de estarem relacionadas, elas podem ser independentes. Há situações da vida em que o amor e erotismo encontram-se no que se diz respeito à atração pela beleza humana e tudo que ela proporciona. O amor só se afasta do erótico quando se deixa encontrar na ternura, na amizade em outras relações em que amor sexual não sobrevive. Bataille esclarece a diferença entre amor e erotismo:

(...) visto que o amor difere do erotismo sensual, situando-se no movimento por que a sensualidade dá como pretexto à desordem do desejo um razão de ser benéfica. Encontra-se a mesma ambiguidade em todos os planos. De uma parte, o amor do parceiro sexual [...] transforma a sensualidade em ternura... (BATAILLE, 1987, p.226)

As relações amorosas em que o desejo envolve os corpos, o erotismo funciona como um tempero do amor. Presentes em vários momentos da história e até em livros bíblicos: O “Cântico dos cânticos” é o vigésimo segundo livro inserido no Velho Testamento da Bíblia cristã e traz uma mensagem muito bonita do que deve ser o amor entre um casal. O erotismo que os envolve em alguns versos desta obra descrevem os amores sensualizados e completamente eróticos.

3 EROTISMO E POESIA

Vários estudiosos dizem que para se entender o erotismo é preciso conhecer a poesia, os seus mais íntimos segredos, a mais profunda sensualidade, a grande emoção amorosa e sexual que alguns poetas despejam em seus versos. Para Paz (1994, p. 12), “A relação entre erotismo e poesia é tal que se pode dizer, sem afetação, que o primeiro é uma poética corporal e a segunda uma erótica verbal”.

Na literatura, o erotismo está relacionado às imagens eróticas que afloram na mente do leitor/a durante o ato da leitura.

3.1 Aproximações entre o Erotismo e a Poesia

Assim, no que se refere aos textos eróticos, e mais especificamente ao poema, constitui-se na forma de representar o espetáculo erótico, tecendo de diversas maneiras as relações significativas que o configuram. Desse modo, essa linguagem - som que emite sentido, traço material que denota ideias corpóreas, é capaz de nomear o mais fugaz e evanescente dos sentimentos: a sensação erótica, que por sua vez não é mera sexualidade animal, mas cerimônia, representação do desejo que permeia os corpos durante a “dança do amor”, como assegura Octávio Paz (1994). Ainda segundo o autor, o erotismo poético é a sexualidade transfigurada numa metáfora que é:

[...] feita de palavras enlaçadas que emitem reflexos, vislumbres e nuances [...]. Uma fusão do ver e crer que resulta no segredo da poesia e de seus testemunhos: um ver que não é simplesmente com os olhos da matéria, mas sim com os olhos do espírito. A poesia nos faz tocar o impalpável e escutar a maré do silêncio cobrindo uma paisagem devastada pela insônia. O testemunho poético nos revela outro mundo dentro deste, o mundo outro que é este mundo... (PAZ, 1994, p. 11)

Somente a poesia com sua linguagem subjetiva é capaz de trazer para o mundo material as concepções eróticas do ser humano. Uma materialização que se torna poeticamente possível devido à fusão do ver e o crer, ou seja, não vemos o poema com olhos materiais, mas com olhos do espírito. Assim, os sentidos se tornam servos da imaginação.

3.2 A Poesia e Vinícius de Moraes

3.2.1 Antes da poesia nasce um poeta: Marcus Vinicius de Melo Moraes

Marcus Vinicius de Melo Moraes nasceu no bairro da Gávea- Rio de Janeiro- em 19 de outubro de 1913. Em 1916, mudou-se com a família para a casa dos avós paternos, em Botafogo, onde, na Escola Primaria Afrânio Peixoto escreveu seus primeiros versos.

Em 1922, ano do centenário da Independência do Brasil, aconteceu em São Paulo a Semana de Arte Moderna, com a participação de artistas de São Paulo e Rio de Janeiro, entre os dias 13 e 18 de fevereiro. O movimento resultou em grande mudança nas artes em Geral e principalmente na literatura brasileira. Nesse mesmo ano a família Moraes mudou-se para Ilha do Governador, menos ele, que deveria concluir o antigo primário e ficaria com os avós.

Em 1924 entrou para o colégio Santo Inácio, em Botafogo, onde cantava no coro da igreja e montava pecinhas de teatro. Segundo Laetitia (*apud* Coutinho, 1986, p.31), “Ainda que, esporadicamente escrevesse versos, teria sido esse um período de absorção de poesia, de acúmulo de material poético”. Em 1929 Vinicius de Moraes, concluído o curso ginásial, ingressa na Faculdade de Direito do Catete, onde se tornou amigo do romancista Otávio Faria, que descobriu e incentivou sua vocação literária. Em 1933 conclui o curso de bacharel em direito. “Os anos de faculdade lhe valeram pelas amizades, pela iniciação nas rodas boêmias e literárias; pelas perspectivas de vida que então se lhe abriram; por tudo, menos pelo indesejado saber jurídico.” (MOISÉS, 2012.p.5). Nesse mesmo ano marcou sua estreia literária publicando sua primeira coletânea de poemas, *O Caminho para a Distância* (1933), em que encontramos um poeta preso às raízes religiosas. A fase espiritualista do poeta é curta e ele lança mais dois livros: *Forma e exegese* (1935) e *Ariana, a mulher* (1936). Em 1938, Moraes parte para Inglaterra. No ano seguinte casa-se por procuração- o primeiro dos nove casamentos- volta ao Rio de Janeiro em 1940 por causa da guerra.

Aconselhado pelo amigo Osvaldo Aranha, começou a se preparar para prestar exame no Itamaraty, sendo aprovado em 1943. Nesse ano publica *Cinco elegias e Poemas, Sonetos e baladas* (1946) que marcam uma nova fase em sua poesia, mais voltada para participações política e social, além da sensualidade. Em 1946, após dois anos de estágio, assumiu seu primeiro posto diplomático, indo para Los Angeles, EUA, como vice- cônsul.

Não podemos escrever sobre Moraes sem citar o interesse pela música, que data de 1927, quando começou a compor, mas só se firmou a partir da década de 1950 quando retorna ao Brasil e quatro anos depois tem sua peça *Orfeu da Conceição*, premiada no concurso de teatro do IV Centenário de São Paulo, musicada pelo seu amigo Tom Jobim. Em 1959, baseado nessa peça, o filme *Orfeu Negro*, ganhou a “Palma de Ouro” no Festival de Cannes, França, e o Oscar de Hollywood, Estados Unidos, como melhor filme estrangeiro.

Na década de 1960 Moraes junto com Tom Jobim, marcam o início da Bossa Nova. O poeta conheceu em 1961 Carlos Lira, seu parceiro em várias canções. Paralelamente à música publicou três livros: *Procura-se uma Rosa, Para viver um grande Amor* (ambos de 1962) e *Para uma menina com uma flor* (1966), de crônicas. Cada vez mais envolvido pela música tenta conciliar o trabalho de diplomata e poeta. Em 1968 é afastado da carreira diplomática pelo governo militar pelas suas intensas idas a rodas de samba.

Do seu contato com Chico Buarque surge a parceria em *Valsinha*, letra de 1970, em que o erotismo é fortemente perceptível. Seu último parceiro musical foi o violonista Toquinho (Antônio Pecci Filho) e na vida literária publica o livro de poesia infantil *Arca de Noé*, ambos nesse mesmo ano.

A relação de Vinicius de Moraes com a poesia e a música abriu espaços não apenas para reflexões sobre esta relação, mas para ampliar as potencialidades de divulgação da produção poética de grandes nomes da poesia.

4A POESIA DE VINÍCIUS DE MORAES

Na poesia de Vinicius de Moraes, o erotismo é um elemento constante, principalmente na segunda fase da sua poesia a partir de 1943. O erotismo está relacionado ao amor sensual que muitas vezes devido à repressão é tratado como uma patologia, pecado diante da ignorância. Sua poesia não faz somente uma alusão ao amor e à mulher, mas também demonstra relações entre o homem e seu aspecto erótico. Busca o reconhecimento das aspirações do erotismo e os meios de realizá-las, no intuito de transformar essa sociedade repressiva e alienada numa outra forma de vivência mais libertária.

Quando “a imagem, mental ou escrita, entretém com o visual uma dupla relação” (BOSI, 2000, p. 20). Vejamos o poemaerótico que se segue:

O GOSTO DE UM AMOR

Queria calar-te amor!
 Com um beijo com meu gosto
 Nesta fonte que é tua boca
 E de tocar nessa fonte nasce:
 A poesia, prazer e o desejo...
 Que quando deixo de beber
 Sinto o gosto amargo da saudade.
 Gosto da saudade de você
 O gosto da saudade de viver....

Queira calar-te amor!
 Beijando teu corpo, num passeio louco
 Calar teus medos, teus receios, tuas lamurias...
 E Fazer ouvir...
 Um suspiro... Um gemido rouco...
 E de sentir nascer como o sol...
 Um sorriso satisfeito
 Em seu rosto cansado!
 (MORAES,2003,p.233)

Vemos na primeira estrofe do poema que o aspecto amoroso prevalece, ficando clara a saudade do ser amado pelo eu lírico. Há uma energia erótica que antecipa a provável relação sexual a partir do beijo na boca “Com um beijo com meu gosto/Nesta fonte que é tua boca”, após esse beijo desperta no ser o prazer e o desejo. Sabemos que o erotismo não é só a relação sexual em si, mas é o arrepio causado pela emoção que vem por conta própria, apertando o coração e gerando inquietação no ser.

A relação corporal do eu lírico com ser amado, que nesse poema não define o sexo, fica na imaginação do ato acontecido ou desejado pelo verbo “queria”. Mas a relação corporal é a claramente descrita pelo sujeito lírico nos versos “Beijando teu corpo/ Um suspiro... Um gemido rouco...” O eu líricodorme depois deste encontro sexual e acorda ao amanhecer “ E de sentir nascer como o sol...” Ao finalizar o poema “ Um sorriso satisfeito/ Em seu rosto cansado!”, nota-se a satisfação do ser amado expresso pelo sorriso satisfeito do outro (a) cansado de tal relação.

Segundo Pazem *A Dupla Chama amor e Erotismo*(1994), as imagens formadas durante o ato sexual são imaginações da mente da pessoa que está, se é que pode dizer assim, no transe do prazer. Momento em que o corpo e o nome do parceiro dispensam-se, a aparência talvez indesejável se dissipe, dando lugar somente às imaginações,

momento em que as diferenças são esquecidas e o foco do olhar não é mais a aparência do outro.

De uma forma geral não poderíamos falar de Vinicius de Moraes e de seus poemas sem as mulheres que provocam a sua poesia. Estas figuras femininas despertam a libido do poeta. O que nos chama atenção é o fato de algumas dessas mulheres serem pouquíssimas vezes nomeadas e surgirem como visões na noite.

Diferentemente dos poetas trovadores que viam a mulher como ascese, caminho divino para a transcendência, em alguns poemas de Vinicius a entrega ao amor carnal significa o desvio do destino divino. Veja-se o poema “A volta da mulher morena”:

Meus amigos, meus irmãos, cegai os olhos da mulher morena
 Que os olhos da mulher morena estão me envolvendo
 E estão me despertando de noite.
 Meus amigos, meus irmãos, cortai os lábios da mulher morena
 Eles são maduros e úmidos e inquietos
 E sabem tirar a volúpia de todos os frios.
 Meus amigos, meus irmãos, e vós que amais a poesia da minha alma
 Cortai os peitos da mulher morena
 Que os peitos da mulher morena sufocam o meu sono
 E trazem cores tristes para os meus olhos.
 Jovem camponesa que me namoras quando eu passo nas tardes
 Traze-me para o contato casto de tuas vestes
 Salva-me dos braços da mulher morena
 Eles são lassos, ficam estendidos imóveis ao longo de mim
 São como raízes recendendo resina fresca
 São como dois silêncios que me paralisam.
 Aventureira do Rio da Vida, compra o meu corpo da mulher morena
 Livra-me do seu ventre como a campina matinal
 Livra-me do seu dorso como a água escorrendo fria.
 Branca avozinha dos caminhos, reza para ir embora a mulher morena
 Reza para murcharem as pernas da mulher morena
 Reza para a velhice roer dentro da mulher morena
 Que a mulher morena está encurvando os meus ombros
 E está trazendo tosse má para o meu peito.
 Meus amigos, meus irmãos, e vós todos que guardais ainda meus
 últimos cantos
 Dai morte cruel à mulher morena!
 (MORAES, 2003, p.156)

Nesse poema quanto à forma, há liberdade nas rimas, pois percebemos versos livres desprendendo-se de formas fixas, típico do modernismo. Logo nos primeiros versos, o eu lírico começa a condenar a mulher morena, causadora de tormento e do desejo proibido de um “eu” devoto a Deus. O desejo é aceso, sobretudo ao

escurecer, período em que a libido é despertada. No entanto, o tom moreno da pele remete a uma pele queimada pelo sol, ao período diurno, à tropicalidade, ao exótico, que desperta o apetite sexual. A ideia de que a mulher morena está relacionada à tentação, ao pecado, é herança dos colonizadores europeus que viam na beleza exótica e na nudez morena das índias brasileiras o convite ao pecado.

No poema em questão, cogitar entregar-se aos encantos da mulher morena –é um convite à sexualidade e ao erotismo. Nota-se o uso do substantivo *voltano* poema. Logo, a aparição da mulher morena é figura que vai e vem, fascina-o e perturba-o a ponto de seus versos pedirem a destruição gradual desta mulher de forma imperativa (cegai, cortai, traze-me, salva-me, livra-me, reza) aos seus possíveis interlocutores – tu (segunda pessoa do singular) e vós (segunda pessoa do plural) até o grau de mutilação desta figura.

Para reforçar o pedido, o eu- lírico busca apoio em figuras castas e relacionadas à pureza. Ele pede ajuda a duas outras presenças femininas que se contrapõem à imagem da mulher morena: dirige-se primeiro à jovem camponesa que o namora de longe, pois ela é portadora de vestes mais castas e, portanto, associada à pureza. Depois implora à branca avozinha dos caminhos – novamente associada à pureza – para que o desvencilhem desse grande prazer que a mulher morena proporciona.

A figuração do ser feminino aguça um erotismo de forma descendente: começa pelos olhos, vai aos lábios, aos peitos, aos braços, ao ventre e, finalmente, chega às pernas. As imagens do corpo feminino materializam e são carregadas de sensualismo intenso: os olhos que *envolvem*, os lábios *maduros, úmidos e inquietos*, os peitos que *sufocam* à noite, os braços *lassos* que são como *raízes recendendo resina fresca e como dois silêncios que o paralisam* mostrando uma força quase incontrolável agindo sobre ele.

O fator erotismo ligado ao sexo, prazer e morte também aparece em outro poema de Vinícius intitulado “A uma Mulher”:

Quando a madrugada entrou, eu estendi o meu peito nu sobre[o teu
peito
Estavas trêmula e teu rosto pálido e tuas mãos frias
E a angústia do regresso morava já nos teus olhos.
Tive piedade do teu destino que era morrer no meu destino
Quis afastar por um segundo de ti o fardo da carne
Quis beijar –te num vago carinho agradecido.
Mas quando meus lábios tocaram teus lábios
Eu compreendi que a morte já estava no teu corpo

E que era preciso fugir para não perder o único instante
Em que foste realmente a ausência de sofrimento
Em que realmente foste a serenidade.
(MORAES,2003,P.144)

Neste poema, o primeiro verso já apresenta o contato efêmero do corpo masculino com o corpo feminino: “Quando a madrugada entrou eu estendi o meu peito nu sobre o teu peito” e os próximos versos tentam dar conta do que se passa com o sujeito lírico quando tem consciência do ato. O poema curto consegue sintetizar uma relação carnal do eu-lírico com uma figura feminina que já se foi. Deste encontro sexual o poeta não guarda uma imagem positiva: quando cai em si, a realidade apresentada é motivo de angústia, pois o sexo é encarado com a temática da culpa, lembrando o momento da expulsão de Adão e Eva do paraíso, por terem comido do “fruto proibido”, isto é, por terem experimentado o sexo. O destino da figura feminina “Tive piedade do seu destino que era morrer no meu destino” é assinalado pela morte, e é esta ideia que vem depois do encontro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vários estudiosos dizem que para se entender o erotismo é preciso conhecer a poesia, os seus mais íntimos segredos, a mais profunda sensualidade, a grande emoção amorosa. Assim, a poesia, por ser a arte da subjetividade, do encantamento, do erótico, precisa ser analisada, comentada e divulgada. A poesia reafirma sempre que sua missão é a busca pela integridade, a autonomia e a dignidade do ser humano. Se ela chegasse um dia a vencer sua batalha, a salvar a alma humana, unir as crenças e fazer com que o primado do espírito fosse por todos admitidos como base fundamental de toda sociedade, então, a poesia teria vencido sua batalha e as dificuldades de cunho moral, que sempre dividiram tão tragicamente a humanidade, seriam facilmente resolvidos.

O intuito desse trabalho não foi de forma alguma tentar desvendar esse precioso enigma que é o erotismo, mas sim incitar o leitor a percorrer este campo e a ter uma melhor visão sobre este tema visando compreender o erotismo como força pulsante na arte poética, o qual é muitas vezes não compreendido.

Levando em consideração a curiosidade que essa temática do erótico desperta no leitor, muitas vezes cessado pela burguesia ou pela religiosidade, fez-se necessário um estudo que foi sendo esclarecido nos primeiros capítulos desse trabalho.

Quanto à temática do erótico, escolhemos dentre os poetas brasileiros que tratam do tema os poemas de Vinicius de Moraes, quer seja masculino ou feminino, é ecoado pelo eu lírico presente em cada poema analisado, de forma a conduzir o leitor a adentrar no universo erótico por ele vivenciado.

Ao entrar em contato com a obra poética de Vinicius de Moraes, percebe-se que ele viveu para a poesia e tentou colocá-la em todas as atividades pelas quais atuou, seja como músico, poeta ou diplomata. O passeio que conseguiu fazer pelo meio intelectual dito erudito e o popular fez com que sua poesia fosse difundida.

Como modernista, Moraes não aprisionou a formas fixas e pré-estabelecidas, sempre buscou o novo. Após desprender-se dos ensinamentos absorvidos no colégio de formação religiosa, levando em consideração a curiosidade que essa temática do erótico desperta no leitor, muitas vezes cessado pela burguesia ou pela religiosidade, o poeta parte para a escrita de poemas eróticos relacionados principalmente à figura feminina, que é sua grande paixão, fato comprovado pela eterna busca da felicidade nos seus inúmeros casamentos.

Em nossa cultura são poucos poetas que têm coragem, sensibilidade e delicadeza na escrita de poemas de conteúdo erótico e amoroso, como fez esse “poetinha” - como era chamado pelos amigos - sem tornar-se vulgar.

Afinal, como assegura Anthony Giddens (1992), grande parte da sexualidade é amor frustrado, condenado a procurar a diferença na igualdade da anatomia e da resposta física.

REFERÊNCIAS:

ALEXANDRIAN, **História da literatura erótica** /Alexandrian; Tradução de Ana Maria Scherer ; José de Mello . Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 42° Ed.São Paulo: Editora Cultrix,2004.

ABREU, Nuno Cezar. **O olhar pornô**: a apresentação do obsceno no cinema e no vídeo. Campinas, SP – Mercado de Letras, 1996.

BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. 2. ed., Porto Alegre, L & PM, 1987.

BOSI, Alfredo. **O Ser e o Tempo na Poesia**. 6 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Imagem, discurso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**.São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

CICERO, Antonio (Org.).**Vinicius de Moraes**: nova antologia poética.1°ed.5° reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

COUTINHO, Afrânio (org).**Vinicius de Moraes:poesia completa e prosa**.2°ed.6° reimpressão .Rio de janeiro: Nova aguilar, 1986.

DURIGAN, Jesus Antônio. **Erotismo e Literatura**. Série Princípios. São Paulo: s/d.

FILHO, Domício Proença. **A Linguagem Literária**. Séries Princípios. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **A linguagem**. São Paulo: Ática, 1986.

FOUCAUT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. 16°Ed. Rio de Janeiro: Graal: 2003.

_____, **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 10ªEd.

Rio de Janeiro: Graal: 2003.

_____, **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. 6ªEd.

Rio de Janeiro: Graal: 2003.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas sociedades Modernas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons, ritmos**. São Paulo Ática, 1985.

GUIMARÃES, Maria Severina Batista .**O Canto imantado: um estudo da obra poética de Adélia Prado, Dora Ferreira e Hilda Hilst**. Goiânia: UFG, 2006. Tese (Doutorado)Universidade Federal de Goiás.

LOURO, Graucila Lopes. *Marcas do Corpo marcas do poder: Corpo estanho*. São Paulo: Autêntica, 2005.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização: uma crítica filosófica ao pensamento de Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MOISÉS, Massud. *A Literatura brasileira através de textos*, 29ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

PAZ, Octavio. **A dupla chama: amor e erotismo**. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

_____. **A outra voz**. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1993.

PAES, José Paulo. "Erotismo e poesia". In: **Poesia Erótica em tradução**. Seleção, tradução, introdução, notas de JoséPaulo Paes, São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

RODARI, Gianni.**Gramática da Fantasia**. Lisboa, Ed. Caminho, 2004.